

A amizade nas relações de ensino e aprendizagem

Elaine Conte*

Bruno Passos Fialho**

Resumo

Este texto propõe ressignificar os vínculos comunicativos da amizade, revelada no entusiasmo que aproxima aprendizagens nas práticas interconectadas, para explorar como ela pode trazer sensibilidade e novas percepções ao processo de formação humana. Também procura investigar quais as possibilidades e limites das relações de amizade na contemporaneidade, sustentada por fios invisíveis, mesmo a distância. A amizade constitui-se ao mesmo tempo num espaço político, ético, estético e social de diferentes formas de percepção e é uma ação pedagógica de interlocução e construção de aprendizagens colaborativas e formativas. A amizade como possibilidade e risco, abertura e superação das diferenças, liberdade para as possibilidades de questionamento, pensamento e transformação recíproca, apresenta-se como mediadora dos processos educativos e do aprender constante. Há certamente referências efetivas da amizade que nutrem o conhecimento pela confiança baseada no respeito mútuo, daí a necessidade de pensar a educação numa relação processual e dialógica de amizade em tempos de mutabilidade e de redes interativas. É justamente a partir dos laços e expressões de amizade que seria criativo e desafiador insistir na abertura à alteridade, ao encontro e às possibilidades de transformação humana para as mudanças das condições nas quais a vida se vê ameaçada. Investigar como se configuram as relações de amizade na atualidade em suas diferenças e diálogos em redes de aprendizagem fortalece o debate sobre o sentido da relação educador e educando, criando laços de amizade e afetividade, contribuindo para uma educação mais participativa, inacabada e de colaboração formativa.

Palavras-chave: Educação. Amizade. Formação.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle (UNILASALLE).

** Graduado em História pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Mestrando em Educação no Centro Universitário La Salle (UNILASALLE). Professor na Prefeitura Municipal de Canoas.

Primeiras palavras sobre a amizade

A ideia da amizade¹ na cultura contemporânea é entendida como um processo caracterizado pelo falar livremente sobre temas de interesse comum e marcada pela abertura a novas percepções, olhares e performances, e para a troca argumentativa. Justamente pelo fato de que na amizade reside uma força sensível do diálogo vivo que não tem valor em si, mas depende da relação com o outro, no mundo contemporâneo em constante movimento. A amizade segue se constituindo como forma de integrar valores, afetos e princípios que nos fazem pensar e realizar a educação de forma diferente, inovadora e dialógica.

Embora o tema da amizade gire em torno de nossas relações particulares, também acompanha a trajetória filosófico-educativa há séculos, pois a formação humana é indissociável do compartilhar experiências inesperadas com o outro, gerando novas aprendizagens. A Pedagogia pensada para além das relações de dominação que distanciam sujeito-objeto, mente-corpo, mestre-discípulo, pode ser ressignificada na amizade como possibilidade de fortalecer as diferenças e promover interações que avaliam, orientam e concretizam aprendizagens formativas. Falar sobre a amizade hoje como espaço de criação dialógica, de trocas, de convivência, de atuar e de agir na multiplicidade do mundo virtual, significa entender as redes de amizade que têm configurado as relações humanas nas tensões do ato de educar.

Historicamente, a concepção de amizade é alvo de diferentes interpretações, porque a amizade é uma experiência formativa de reconhecimento do outro e do compartilhar aprendizagens. Desde Sócrates (470-399 a. C.)², a amizade tem a dimensão do diálogo vivo proferido verbalmente entre os sujeitos, com forte poder educativo de ensinar aquilo que, de certa forma, já sabíamos, mas pensávamos ignorar. Sob essa lógica, a inconclusão humana atesta nossa ignorância e abre perspectivas para (re)conhecer. A conversa de Sócrates em busca do saber teve um efeito grandioso entre as pessoas, assumindo uma condição de convívio democrático e político, da arte de ensinar entre amigos, como condição de possibilidade de conhecer-se a si mesmo e como forma de construir novas experiências de aprendizagem.

Sendo assim, repensar a ideia de amizade implica em adotar uma postura dialógica, inspirada na *maiêutica* socrática, que se ampara na convicção de que o conhecimento não é a posse de um saber, mas sim um processo de construção solidária e colaborativa mediante o respeito a si mesmo e aos outros interlocutores. Com Sócrates aprendemos que a construção da identidade pessoal e coletiva

implica no reconhecimento recíproco da palavra do outro indispensável à sociabilidade e ao aprender constante. Talvez nessa perspectiva encontramos a possibilidade de uma revisão dos saberes pedagógicos não mais centrados na explicação e na desrazão social, mas no processo aprendente de busca pela sincera argumentação, que aciona a racionalidade comunicativa no processo de descentramento e aceitação do outro (HABERMAS, 2003). Desse modo, a visão impositiva de uma educação tradicional de técnicas e de conteúdos, além de desconsiderar o outro lado da relação educativa provoca o distanciamento relacional e dialogal.

Com o presente estudo buscamos: analisar as origens, os enfrentamentos e as possibilidades do poder mediador da amizade na educação, aproximando diferentes campos de conhecimento; mapear os campos do conhecimento que dialogam com as relações pedagógicas presentes na amizade; caracterizar a relação dinâmica da amizade que não se explicita apenas por conceitos, mas busca o sentido da formação na reinvenção do humano; demonstrar como a relação entre amizade e educação implica em uma interconexão discursiva necessária diante da finalidade de acolhimento e aprofundamento dos saberes e do processo de reconhecimento das diferenças na formação, visto que a amizade apresenta uma dimensão pedagógica intrínseca à formação e atuação do educador e do educando. Em última análise, relacionamos a constituição da formação humana nas relações de amizade com as visões do conhecimento vivido na atualidade.

Conceitos articuladores entre amizade, saber e educação

Há um imenso potencial de se aprender com as amigas para além da busca de união de forças na realização de projetos, pois vivemos num tempo em que os diversos nomadismos tanto separam vidas quanto impõem a adaptação de novas aproximações entre os sujeitos no mundo. Para Aristóteles (385-322 a. C.), na *Ética a Nicômaco*, há uma distinção apoiada em três espécies de amigas existentes, justificadas na diferença entre as razões de *utilidade, prazer e bem*³, que buscamos, esperamos e desejamos do outro para ser amigo. Segundo Aristóteles (1979), nem todas as formas de amizade visam o bem, pois há amigas que são instrumentais, no sentido de trocar favores ou interesses de diversas ordens, e outras buscam apenas o prazer. Assim, quando não há mais utilidade nem prazer a amizade acaba.

A verdadeira amizade, para o filósofo, só é possível entre iguais, no sentido do reconhecimento mútuo e da ação em busca do bem comum. A amizade autêntica (agir ético consigo próprio e com o

outro) passa pelo processo de reconhecimento de si nos atributos do outro (reconhecimento das diferenças), como ato de racionalidade humana que atualiza o nível da cognição, da razão, para o bem coletivo e para uma orientação de vida feliz. Já Sêneca (séc. I d. C.) (2004) considerava a amizade um exercício de altruísmo no sentido mais radical e transformador da existência humana, cuja presença do outro coopera para o sentir-se melhor, buscando ensinar sobre a amizade na sábia vida para a conquista da felicidade.

Repensar as convicções clássicas sobre a amizade revela diferentes visões de mundo e enigmas intelectuais⁴ acerca das relações intersubjetivas e das redes de amizade, que constituem novas estratégias de aprendizagem relacionadas à prática pedagógica, pois nada é igual num mundo contingente. Fazendo uma analogia com as adversidades do mundo atual, a amizade desperta a discussão de que apesar de distantes, limitados a um contexto, sempre é possível conversar com os amigos, pois mais do que uma relação social visível, a verdadeira amizade faz parte de nós e se vivencia real ou virtualmente. Na amizade reside a nossa condição humana de ser capaz de aprender nas tensões dialéticas do convívio social, marcado pelas diferenças e pluralidades, como algo constitutivo do processo de educação.

Portanto, o trabalho preocupa-se em entender como os discursos produzem aprendizagens sobre a amizade e, ao mesmo tempo, a importância de recorrer aos amigos para encontrar apoios para as adversidades. Num tempo de incertezas, desumanização, informação e comunicação planetária, as relações de amizade surgem e desaparecem conforme aquilo que produz um sentimento comum de estar junto, de modo transitório, sendo alvo de diferentes interpretações. Ainda que estejamos nesse tempo de mutabilidade com outro ritmo de vida nos questionamos: é possível ainda identificar as relações de amizade como sentimento de reconhecimento e herança imaterial da condição humana? Será que os sentimentos de amizade de hoje continuam aproximando sujeitos mesmo na distância do mundo virtual que se tornou um ponto de encontro, um espaço comum? Como a relação entre professor e aluno, mestre e discípulo, amizade e produção do conhecimento acompanha a humanidade enquanto formação coletiva? Será que o subdesenvolvido sentido pedagógico da amizade poderá ser retomado como tensão, disposição e abertura ao outro, dando impulso nas ações para aprender?

Se o homem é um ser político constituído por viver em sociedade, então pensar a amizade numa concepção política, formativa, pedagógica, ética e estética, nos impulsiona ao inesperado e à reinvenção humana. O desafio de imaginar metáforas para nossas relações intersubjetivas é abordado por Francisco Ortega (2000, p. 117; grifo do autor) ao afirmar que “a amizade constitui uma nova

sensibilidade e uma forma de perceber diferente, baseada no cuidado e na encenação da *boa distância*”. Essa arte da distância é necessária para pensar e para criar mundos (na dinâmica de sair do local, do si mesmo para o mundo), assim como para saber reconhecer o que de certa forma distancia a compreensão da matéria ensinada e o sujeito que aprende, num espaço de adversidades, (des)encontros, experimentação e tensões, que leva a reinvenção da própria existência, pois compreender o comunicado é formação.

Falar de amizade em uma sociedade de individualismo avançado implica em dar voz aos processos de formação, autonomia e reconhecimento social, que se constituem na relação de interdependência, pois “[...] no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos. [...] sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que não pretendesse anular as diferenças” (ORTEGA, 2000, p. 80). Nesse contexto, a amizade é o fortalecimento das diferenças e da alteridade no espaço público de criação, que extrapola as relações hierárquicas e prescritivas que ainda insistem em permear os espaços educativos. Constitui-se ao mesmo tempo como embates, discussões e tensões que melhoram nossa autocrítica e agudizam nosso juízo, uma vez que a escolha do outro (amizade) de forma mimética, confere uma recriação de nós mesmos nesse horizonte de expectativas compartilhadas no respeito, alegria e ajuda mútua.

Podemos dizer que nas relações de vida civilizada a amizade determina os processos educacionais e contribui na formação do homem no mundo. A esfera pública na civilização grega clássica incluía as relações de amizade, sendo a comunidade a base do partilhar interesses na procura de conhecimento e do bem. Para Aristóteles (1979), a política deveria promover a amizade para o bem da *pólis*. Tal virtude é elaborada a partir do contato com o outro, como um campo aberto de forças e experiências voltadas para o comunitário, em que projetamos as atividades que realizamos como possibilidades que permitem apreendermos com os outros. Desse modo, a amizade teria uma dimensão política, tal qual entendida pela educação, uma existência norteada pela transformação, a partir do encontro com os outros, que se estende de uma prática de dimensão coletiva até o individual. A ideia de amizade na tarefa educativa é vista como modo de vida cultural e ético de relação com o outro, que pode ser partilhado por sujeitos de idade, estatuto e atividades sociais diferentes. Nesse contexto, Ortega (1999, p. 132) defende que “o papel do outro é indispensável para a produção de um esboço de si compreensível. [...] o outro está sempre presente na origem da constituição estética de si, na figura do mestre, guia, professor, diretor de consciência ou amigo”. A comunicação com o outro numa

verdadeira prática social e democratização dos conhecimentos, é uma busca constante por elaborar-se, transformar-se e agir no mundo, no sentido da formação e da reinvenção do humano. Daí que as práticas de amizade constituem-se como um dos componentes do formar-se e do educar-se enquanto capacidade de agir e se narrar, pois os amigos são aqueles que estão inseridos nas redes de trocas sociais e que participam ativamente do ocupar-se consigo pela presença do outro. Talvez a amizade desdobrada a partir de uma visão pedagógica dialógica possa ser desestabilizadora do pensar unívoco e domesticador da certeza cartesiana.

As fronteiras de uma amizade podem ser definidas por relações humanas antipolíticas, que buscam segurança, a partir de laços intimistas da família, limitando a ação de iniciar algo novo e anulando a pluralidade e as diferenças pela conveniência de parentesco (ARENDR, 1998). A perspectiva da amizade familiar ficaria condicionada a elos privados de esvaziamento da experimentação social, ocultando a complexidade dos relacionamentos de caráter político do agir democrático e sempre contingente. Essa situação pode acontecer também na relação de despolitização e dependência pedagógica como pura cortesia em relação à figura da professora, que passa a ser chamada pelas crianças de tia⁵. Daí a defesa de Freire (1997) em relação à necessidade da racionalidade do diálogo, *como selo da relação gnosiológica*, por descobrir que a produção do conhecimento passa pela possibilidade de aprendermos com o diferente de nós e com o nosso antagonico.

Em que ensinar já não pode ser este esforço de transmissão do chamado saber acumulado, que faz uma geração à outra, e aprender não é a pura recepção do objeto ou do conteúdo transferido. Pelo contrário, girando em torno da compreensão do mundo, dos objetos, da criação, da boniteza, da exatidão científica, do senso comum, ensinar e aprender giram também em torno da produção daquela compreensão, tão social quanto a produção da linguagem, que é também conhecimento. (FREIRE, 1997, p. 5).

A amizade como possibilidade de conhecimento na educação vai muito além das semelhanças e dos particularismos, mas consiste numa práxis⁶ social que movimenta e questiona o mundo, através da transformação dialógica no encontro e na distinção entre os sujeitos. Na experiência educativa há uma abertura para reinvenção das relações comunicativas com os outros que nos forma e constitui na mutualidade e nas diferenças do viver conjunto, pois o processo de formação é uma ação intencional compartilhada socialmente por meio de relações dialógicas (FREIRE, 1997; HABERMAS, 2003).

No campo da educação, o diálogo se faz na diferença e está relacionado com o aprendizado e a autoformação como um espaço de sociabilidade, e é nesse sentido que se inserem as práticas pedagógicas como a narrativa e as relações de amizade. O próprio ato de criação é muito mais produto

de sentimentos, amizades, intuições, do que de operações puramente lógicas, porque as ações não são herdadas, elas são ontologicamente irrepetíveis e conflituosas. Nesses termos, qualquer ato criativo é sempre revolucionário e formativo, pois visa à alteração, à mudança da realidade na práxis do agir humano sempre contingente. A arte de educar é esse esforço constante e hermenêutico de auto-interpretação da expressão humana, que sensibiliza os conceitos dando ocasiões de aprender, de agir e de interagir, porque é sempre produzida com o outro, aprendida cooperativamente e vivida na amizade como disposição de sentido pedagógico.

O ato de ensinar por meio da palavra ou do exemplo é tão antigo quanto o ser humano, inexistindo família ou sistema social sem o processo de ensino e aprendizagem, sem a figura do mestre e do aprendiz. “É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão” (LÉVY, 1993, p. 8). Mas como reordenar o processo educativo como possibilidade de discutir o que foi proposto numa relação de amizade entre educador-educando? Como estabelecer relações compartilhadas de modo que quando o professor fale numa aula consiga lançar a pergunta e não fique com uma sensação de total solidão? Se a amizade tem a ver com a formação humana e a imprevisibilidade das relações, qual a característica de uma educação emancipadora? Ao analisar três modelos de relações mestres-discípulos, George Steiner (2005, p. 12) assim escreve:

Há os Mestres que destroem seus discípulos psicologicamente e, em casos mais raros, fisicamente também. Subjugam seus espíritos, acabam com suas esperanças, aproveitam-se de sua dependência e de sua individualidade [...]. Em contrapartida, há os discípulos, pupilos e aprendizes que derrubam, traem e arruinam seus Mestres [...]. A terceira categoria é a da troca, a de um eros de confiança recíproca e, de fato, de amor [...]. Por um processo de interação, de osmose, o Mestre aprende com seu discípulo enquanto lhe ensina. A intensidade do diálogo gera amizade em seu mais elevado sentido.

Nessa análise identificamos, por um lado, a palavra do mestre, aquele que tem autoridade e direito de falar, explicar unilateralmente aos alunos e, por outro, uma possibilidade de trabalho coletivo de aprendizagens horizontais do jogo cultural dialógico, que são próprios das relações de amizade e servem ao desenvolvimento e crescimento recíproco. A ação pedagógica constitui-se na expressão do amor que move o ofício, pois é no acolhimento e no compartilhar com o outro que afirmamos nossa responsabilidade e profissionalidade pelo mundo. Parafraseando Rancière (2010), podemos dizer que na incompletude do processo de aprender e ensinar, *o discípulo que faz o mestre*.

Hoje ainda vivemos em uma educação explicadora de progressão racional do saber, que hierarquiza conhecimentos e conserva hábitos domesticadores e simplificadores do pensar, apreendidos no ofício pedagógico, que, muitas vezes, desconsideram uma ética da solicitude adaptada às sociabilidades dos outros e de uma realidade complexa que se ignora. Na relação de ensino e aprendizagem, para além da dimensão explicadora e embrutecedora da fala, está presente uma formação ativa, inquieta, que desperta o amor e o interesse pelo conhecimento na vida de interação, coragem, vontade em aprender, própria do diálogo socrático na relação mestre-discípulo. Há a necessidade de retomar o ensinamento socrático para a invenção de novas práticas de vida partilhada que visem formar, a partir do cotidiano, para as diferentes realidades e visões de mundo, despertando para novas aprendizagens e projetos de vida. A Pedagogia como a arte de narrar e ser narrada na complexidade das diferenças, dos conflitos, das tensões, das responsabilidades, dos processos de ensinar e de aprender precisa revitalizar a narrativa formativa, que encontra sentido no autêntico ato educativo dos professores e dos sábios. Como denuncia Benjamin (1987, p. 200-201, grifo do autor), estamos pobres de experiências comunicáveis, que dialogam com a tradição cultural, pois essas narrativas:

[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma da vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se *dar conselhos*, parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. [...] Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

A valorização das diferenças no processo de ensino reside nessa experiência em narrar a alteridade e a própria história, que envolve o sentimento de empatia e reconhecimento, que reivindica a transformação de si, do outro, do mestre, do amigo, do indeterminado e do mundo, delimitando uma aprendizagem social. A narrativa, segundo Benjamin et al. (1980), conserva a sua força de germinação, sendo capaz de provocar espanto, reflexão e outros desdobramentos em rede, mesmo depois de passado muito tempo. Se tomarmos a técnica como uma esfera viva da existência e do entendimento mútuo na educação, no sentido mais profundo da partilha de visões de mundo e da conversação do conhecimento na experiência sensível da vida, então a pedagogia poderá romper a estreiteza da mera operacionalização (da mera cópia e treinamento subalterno) e revitalizar o processo formativo de ouvir e narrar histórias, aprendendo com a experiência do outro. Mas, certamente, as relações entre a

comunicação no universo virtual e as dinâmicas pedagógicas, vistas a partir da perspectiva da amizade no diálogo com esses processos produtivos, mereceriam o reconhecimento da multiplicidade de vozes, da curiosidade, da invenção e inquietação acerca da própria produção de significados.

Esses diferentes cenários de intenções presentes no ato de ensinar revelam a dimensão desafiadora da transmissão, estabelecida nesse espaço conflituoso e contraditório do mundo. Obviamente, as artes e ações de ensinar deveriam ser dialéticas⁷, relação que consistisse em um processo de troca, de amizade, de busca de sentido e compreensão que não acabem em verticalidade de verdades, solidão ou frustração, mas em relações dialógicas em redes de aprendizagem. No entanto, ainda vivencia-se e perpetua-se o modelo de professor explicador que se estende à codificação e à transmissão do saber secular, que soa distante aos que ouvem, por apresentar uma versão estática do saber.

Em contrapartida, temos claro que hoje só vinga o ensino capaz de se renovar, de valorizar a troca na diversidade, pela abertura, mas com enraizamento na cultura, que renova os sonhos e a vontade de inovar/pesquisar, ou seja, talvez seja necessário repensar a experiência educativa a partir de ações que incorporem as tensões de amizade mediadas dialogicamente, seja de modo presencial ou virtual. Por isso, o espaço educativo da sala de aula é um espaço de vida formativa onde surgem novas amizades, ideias e projetos individuais ou em grupo, presencial ou a distância para beneficiar a todos.

Numa cultura marcada pelo excesso de controle, burocracia e individualismo é preciso voltar os olhos para a figura do mestre, do aprendiz e do ato de ensinar com liberdade de expressão, de criação e de participação. A educação é fundamentalmente uma prática social e o poder da educação passa a existir entre os sujeitos quando eles agem juntos, nessa relação contraditória feita de distância e proximidade com o outro, de dependência e autonomia.

Pensar solidariamente, aprender a pensar no diálogo professor-aluno não se reduz a questões epistemológicas e metodológicas, mas significa o modo prático (ético e político) de experienciar uma dada cultura e uma tradição que implica uma luta constante para construir um viver em comunicação, oportunizador de aprendizagens sociais, abertas ao mútuo reconhecimento e respeito recíproco. Nesse sentido, a autoridade não emana do poder do professor sobre o aluno, mas de uma possibilidade recíproca de perguntar pelo que é bom para todos e pelo sentido precário de nosso estar no mundo com os outros. (MARTINI, 2010, p. 131).

Nesse contexto, caberia evocar ainda o que Ricoeur (1990) nos sugere a respeito da amizade. Partindo de Aristóteles, que enfatiza a amizade como busca do bem entre iguais, o autor acentua a possibilidade de uma ética da solicitude, em que o visar o bem do outro e o estar e agir em conjunto,

em comunhão, não depende da igualdade, mas do estar no mundo na mesma situação. Assim, é possível a amizade entre um ancião e uma criança, podendo um aprender com o outro, ou seja, a amizade tendo por base a solicitude que parte da possibilidade de querer o bem do outro, a partir do reconhecimento sensível da própria diferença, sem que isso seja empecilho para a amizade.

Tudo leva a crer que a relação de amizade na educação continuará a ser um princípio educativo, mas será o princípio educativo de uma humanidade que se reconciliou consigo mesma e, portanto, realizará sem sofrimento (prazerosamente) a condição eterna de produção de sua própria vida. As práticas pedagógicas justificadas em relações humanas que tomam a amizade como fonte inspiradora e dialógica, transformam as barreiras das inevitáveis diferenças entre mestres e discípulos em uma possibilidade para a construção de novas aprendizagens, garantindo a formação mais plena dos envolvidos. Talvez seja precisamente porque há a incerteza e o reconhecimento de diferenças que a educação se torna pensável na realidade contemporânea.

Entretanto, cada vez mais temos visto certo egoísmo e distanciamento entre as pessoas, uma insegurança constante, que tornam as relações cada vez mais efêmeras e transitórias. Assim, também a educação se torna mais padronizada, racionalizada e sistêmica, resultando em atitudes frias e mecânicas, reveladas na perda de sentido das relações humanas e na busca por resultados. Vivemos um momento em que as pessoas temem que os vínculos afetivos de um relacionamento resultem em privação de liberdade, pelo comprometimento excessivo ou dependência em relação aos outros. Conforme Bauman (2000), nossa época solicita uma amizade distinta daquela amizade desinteressada, generosa, proveitosa que duraria por toda a vida, sob a forma de herança e ensinamentos, uma vez que, com os efeitos culturais e sociais do mundo globalizado, a comunicação entre os sujeitos é menos recíproca e permite um desligamento imediato, pois é descartada ou mantida por conveniência. Trata-se de um relacionamento de amizade como um ato unilateral, baseado na obediência e submissão, que dispensa responsabilidades e relações, um tipo de amizade que interessa a *modernidade líquida* (BAUMAN, 2000).

Atualmente, muitos são os profissionais da educação que conseguem alavancar ideias e aproximar os estudantes das inovações tecnológicas das redes sociais para que, juntos, possam construir relações e projetos que enfatizem o prazer e a alegria de aprender. Tal experiência implica em contextualizar os saberes trabalhados no ensino, de modo a envolver os sujeitos na construção colaborativa, para superar distâncias entre professores e estudantes e ir além da velha máxima de que o professor é detentor do conhecimento, a fim de reconhecer uma formação comunicativa e interativa em

redes de troca e de colaboração, que permita ampliar as interconexões com a pluralidade de mundos (LEMOS; LÉVY, 2010).

Como uma arte do diálogo em interconexão, deve-se pensar a amizade na perspectiva de uma humanidade cada vez mais comunicante e criativa, que permite reconhecer os efeitos de seus atos e de aprender continuamente na troca de conhecimentos, compartilhamento de memórias, percepções e de mundos. As conexões, as relações de interdependência e a complexidade da vida social estão aumentando como espaços descentralizados, de comunicação social interativa, trazendo valores e modos de ação diretamente vinculados à abertura, às relações intersubjetivas e à colaboração mútua. Nessas condições, a educação tomaria um sentido democrático indissociável de uma prática humanizadora e de um diálogo hermenêutico com a era da intercomunicação.

Questões abertas

As relações de amizade hoje sofreram um deslocamento das fronteiras pelo uso constante das tecnologias de comunicação digitais virtuais, pelos múltiplos interesses e pelas relações de consumo do mundo, que podem representar a fraqueza da vontade (autossuficiente) em relação à questão dos vínculos imediatos gerados pela instrumentalidade e superficialidade da amizade (SOUZA; HUTZ, 2008). Mas a capacidade de questionamento das relações da amizade não é exclusividade dos tempos atuais, ela é milenar e socialmente criada nas relações pedagógicas que dialogam a partir de percepções sobre linguagem, pensamento, saber e mundo. Se a educação surgiu para ampliar o horizonte das relações existentes e divergentes que requerem atualização, então o ato pedagógico pode orientar os hábitos que precisam ser aperfeiçoados, pois o modo de ser humano precisa ser construído socialmente, em direção a uma *ciberdemocracia* (LEMOS; LÉVY, 2010).

Compreende-se, portanto, a importância do ensino como meio de articulação e de revitalização da humanidade, sendo fundamental à melhoria da vida no exercício das relações humanas. Nas escolas, os professores tentam se apropriar dessa cultura de inclusão digital para que sua atuação continue tendo repercussões sociais, considerando a evolução das comunicações e as novas possibilidades de desenvolvimento que essas mudanças abrem para o conhecimento, a liberação da expressão e a democratização dos saberes na era digital. Embora haja distâncias sensíveis entre jovens, crianças e adultos em termos de potência de ação no mundo, a experiência da amizade tende a diminuir as

incompatibilidades em proveito da construção de práticas colaborativas que mobilizam novas maneiras de conhecer, ensinar e aprender.

Nesse contexto, o professor na dimensão da amizade pedagógica tem o poder e a força que conduz a libertação humana, no sentido de nutrir a conversação presencial ou a distância, fortalecer a existência humana, tornar os sujeitos mais corajosos, mais resistentes, mais fortes na vida, estimulando um conhecimento e uma superação de si no confronto com o outro. O verdadeiro mestre deve preparar o discípulo para seguir o seu percurso, a caminhar o seu próprio caminho, tocando no germen do ser humano enquanto uma relação de amizade. Hoje, com tantas transformações nas condições de vida e inúmeras dificuldades na assimilação das informações, constatamos que com os amigos nos tornamos mais capazes de pensar e agir. Na verdade, como lembra Lévy (1993, p. 21), “a circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação”, pois na situação de comunicação, cada palavra transforma a mensagem e recoloca em jogo o contexto e o seu sentido.

Podemos dizer que Habermas (2003) procura integrar todas as instâncias de comunicação que emergiram até o presente para estabelecer vínculos, onde as relações de amizade se transformam num jogo dialógico e espaço de criação de novas aprendizagens. Assim, “[...] no quadro de um processo de entendimento mútuo – virtual ou atual - não há nada que permita decidir a priori quem tem de aprender de quem” (HABERMAS, 2003, p. 43), visto que a possibilidade contingente e criadora do agir humano habita na linguagem.

Sendo assim, as tecnologias podem servir como mediadoras para fazer o sujeito pensar, educar-se, formar-se e aprender com os outros nas múltiplas possibilidades de interação com o conhecimento, como um exercício de amizade que forma e transforma. Interagindo com diferentes tempos de aprendizado, os sujeitos cada vez mais singulares, múltiplos e em meio à metamorfose (ou à aprendizagem) permanente, necessitam conviver com todos os espaços sociais e as mais recentes tecnologias. A apropriação dos conhecimentos, nesse sentido, envolve aspectos em que a racionalidade se mistura com a pragmaticidade e a emocionalidade, em que as intuições e percepções sensoriais são utilizadas para a compreensão pedagógica de uma razão que é *virtualmente linguagem* (GADAMER, 2002). A linguagem na interlocução ensina e aprende em relações de troca. Por isso, trabalhar com a realidade virtual, interagir em processos de simulação no encontro com os outros, não só permite a fixação da aprendizagem prescritiva, mas incita a inteligência humana a perseguir outros jogos, novas

descobertas e revoluções, a arriscar-se em grandes viagens reais e imaginárias e, com isso, poder reinventar-se enquanto rede de amizades.

Atualmente é inegável que as comunidades sociais virtuais proporcionam variadas formas de contato e interação entre as pessoas, abrindo espaço para novos modos de conhecer amigos, de se relacionar na polifonia de vozes e na horizontalidade das relações. Mas, se, por um lado, o espaço virtual seria um novo ponto de encontro e pertencimento social, capacitando os sujeitos a se sentirem conectados e integrados aos outros, por outro, suscitam uma crescente solidão no isolamento do mundo particular, preferindo as conexões virtuais ao invés dos relacionamentos intersubjetivos. As diferenças são constituidoras de sentidos para as relações de amizade, complementam as trocas e enriquecem os relacionamentos, a participação e a conversação, levando a uma transformação e ao aprender. Entendemos que as relações virtuais, assim como a possibilidade de sair e conversar com amigos, não são excludentes, pois ambas permitem movimentar experiências de amizade. Contudo, os laços de amizade seguem sendo valorizados e afirmados como novas formas de pensar e agir no cotidiano da vida, pois atravessam as diferenças, o confronto de perspectivas e desafiam os limites de nosso mundo.

Nos recortes históricos realizados sobre o sentido da amizade, os problemas do conhecimento, das relações entre sujeito e objeto, entre consciência e mundo, impregnam as ações pedagógicas que implicam riscos, desejos e enfrentamentos. Assim, a amizade permite discernir o sentido humano dos debates pedagógicos para além de uma orientação utilitarista, disciplinada apenas com o conhecimento das regras para imersão na cultura. Portanto, é de suma importância que o educador reflita sobre a problemática educacional e busque na amizade uma atitude existencial digna de ser pensada, pois não basta apenas falar sobre conceitos, é preciso estabelecer relações intersubjetivas de reconhecimento para que surja a renovação e o questionamento do sentido dos conhecimentos, que expressam uma atitude pedagógica com finalidade emancipadora.

A amizade no contexto intersubjetivo poderia significar a exigência de uma distribuição mais democrática do saber, na possibilidade de dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para pensar as próprias ações numa prática educativa dialogal e ousada para transformar a realidade. A educação é encontro, transição, integração, impulso, cumplicidade e amizade, pois sempre se trata de um caminho a construir na partilha de sensibilidades criativas para aprender e alargar nossas condições no mundo.

Na relação da amizade pedagógica é possível expandir o poder da imaginação para deixar pensar, despertando as possibilidades comunicativas e emancipatórias com diferentes mundos,

produzindo, assim, as condições para que os conflitos interpessoais sejam incorporados na práxis pedagógica, integrando-se na dinâmica inovadora que transforma a si mesmo e aos outros. Enfim, a amizade é terreno fértil para a força do pensar socrático que estimula novas referências ao ato de educar, deixando a formação em aberto para novas descobertas, interlocuções e recriações daquilo que somos em relações com a alteridade de mundos.

Notas

¹ A amizade (*philia*) na filosofia grega se fundava no saber como uma forma de atividade de significância pessoal e intensidade ético-política que, curiosamente, não prescindia da relação amistosa pelo saber. Para existir o saber, era preciso fazer-se “amigo do saber” (*philosophos*), tema discutido na antiguidade grega por Sócrates, Platão e Aristóteles (nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*). Daí o mundo causa admiração (*thaumazein*), uma abertura à curiosidade que liberta o homem do mundo das aparências (sombras platônicas) e o faz indagar pelo ser das coisas no horizonte da razão. Essa atitude de admiração diante do mundo, embora não leve todos os homens à mesma verdade, coloca-os numa situação de liberdade e disputa. E a sabedoria só pode ser ensinada na base dessa amizade que perturba e rivaliza, no desafio de saber agir nos confrontos da vida.

² Os fundamentos filosóficos da cultura na antiguidade clássica são personificados na imagem de Sócrates, um pensador (professor) que fazia questão de se encontrar e conversar em praça pública com os jovens, normalmente descalço e malvestido, tendo um compromisso permanente em tratar e aprofundar, a partir de fatos banais do cotidiano, as questões existenciais, éticas e morais da vida. Defendia a ideia de que só é útil o conhecimento que nos torna melhores.

³ Daí procurar o bem é uma virtude (*virtus* em latim ou *Arete*), é o conjunto de qualidades morais, espirituais e físicas que rege o ofício do ser humano em seus desempenhos e conquistas vinculados com o *ethos* (lugar costumeiro da vida). A virtude intelectual gera-se e cresce graças ao ensino e requer experiência e tempo, enquanto a virtude moral é adquirida pelo hábito. Nesse contexto, a educação seria conquista do que já existe (mitologia recontada) pela ação dos sofistas na *pólis* e pela interlocução que conduzia as ações para o campo das virtudes, da disposição de realizar uma ação da melhor forma. Em meados do século XVIII, a palavra *virtuose* passa a enfatizar um profissional de grande curiosidade que alimenta a curiosidade pela força da simpatia, com informações bem tiradas e as usa em conversa elegante, é um mestre da virtude (SENNETT, 2009).

⁴ Aristóteles (1979) diz que a amizade perfeita é atribuída aos homens bons e afins na virtude, já que o bem é algo universal e se distingue do útil e do prazeroso, mais ligado aos sentidos.

⁵ A metáfora da *professora-tia* é abordada por Freire (1997) no sentido da resistência contra a tendência à desvalorização profissional representada pelo hábito, que se cristaliza há cerca de três décadas, de transformar a professora num parente posticho, que repercute numa amizade pedagógica como um ato isento de responsabilização sobre suas ações.

⁶ A realização ontológica da *práxis* está “situada entre o operar humano voltado para o domínio da *objetividade* e que assume, por isso mesmo, as características da *produção*, e o operar humano voltado para o domínio da *transcendência* e ao qual convém as características do puro conhecer ou *contemplanar*, a *práxis* é, por definição, o operar intersubjetivo. Ela é a realização do homem no seu mundo *humano* e é pois, no seu conceito abrangente, essencialmente *política*, isto é, orientada necessariamente para o

movimento da *autorrealização* para o horizonte do *ser-com-os-outros*". (LIMA VAZ, 1992, p. 159-160, grifos do autor).

⁷ O filósofo pré-socrático Heráclito (540-480 a. C.) defende a ideia do vir-a-ser, do devir, ilustrando *na metáfora do rio, que ninguém toma banho duas vezes no mesmo rio*, porque tanto a água quanto o homem estão em contínuo movimento na dinâmica da vida.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerf Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity, 2000.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1). p. 213-240.

BENJAMIN, Walter et al. *Textos Escolhidos*. Tradução de José Lino Grünnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Loyola, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: complementos e índice*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA VAZ, Henrique C. de. *Antropologia filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Filosofia).

MARTINI, Rosa Maria F. Paul Ricoeur: a amizade como solicitude. In: ALBORNOZ, Suzana; GAI, Eunice Piazza (Org.). *Ó meus amigos, não há amigos!* Reflexões sobre a amizade. Porto Alegre: Movimento; Edunisc, 2010. p. 118-131.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3. ed. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions Du Seuil, 1990.

SÊNECA, Lúcio A. *Cartas à Lucílio*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Cláudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

STEINER, George. *Lições dos Mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Friendship in teaching and learning relations

Abstract

This text proposes to give a new meaning to the communicative friendship links, revealed in the enthusiasm that approaches learning in the interconnected practices, to explore how it can bring sensitivity and new insights to the process of human formation. It also seeks to investigate what are the possibilities and limits of friendly relations in contemporary times, supported by invisible wires, even from a distance. Friendship constitutes itself at the same time in a political, ethical, aesthetic and social space of different forms of perception, and it is a pedagogical action of dialogue and the construction of collaborative learning and training. Friendship as a possibility and risk, opening and overcome of the differences, freedom for the possibilities of questioning, thinking and reciprocal transformation, presents itself as a mediator of the educational processes and of the constant learning. There are certainly essential references of friendship that feed the knowledge by confidence based on mutual respect; hence the need to think education in a procedural relationship and dialogical of friendship in times of mutability and interactive networks. It is precisely from the links and expressions of friendship that would be creative and challenging to insist otherness opening, to insist on the meeting and on the possibilities of human transformation, for the changes of the conditions in which life is threatened. To investigate how are friendship relations today in their differences and dialogues in learning networks strengthens the debate about the meaning of the relationship educator and learner by creating bonds of friendship and affectivity, contributing to a more participatory education, unfinished and of formative collaboration.

Keywords: Education. Friendship. Training.

La amistad en las relaciones de enseñanza y aprendizaje

Resumen

El texto propone resignificar los vínculos comunicativos de la amistad, que se revela en el entusiasmo acercando así los aprendizajes en las prácticas interconectadas, para explorar cómo ella puede traer sensibilidad y nuevas percepciones en el proceso de formación humana. También investiga las posibilidades y límites de la amistad en la contemporaneidad, apoyada por hilos invisibles, incluso en la distancia. La amistad constituye al mismo tiempo un espacio político, ético, estético y social de diferentes formas de percepción y es una acción pedagógica de interlocución y construcción de aprendizajes colaborativas y formativas. La amistad como oportunidad y riesgo, apertura y superación de las diferencias, libertad para las posibilidades de cuestionamiento, pensamiento y transformación mutua, se presenta como mediación de los procesos educativos y de aprendizaje constante. Hay ciertamente referencias esenciales de amistad que nutren el conocimiento por la confianza basada en el respeto mutuo, de ahí la necesidad de pensar la educación en una relación en proceso y dialógica de amistad en tiempos de mutabilidad y redes interactivas. Es precisamente a partir de los vínculos y expresiones de amistad que sería creativo y desafiante insistir en la apertura a la alteridad, para el encuentro y las posibilidades de la transformación humana, para cambiar las condiciones en que la vida se ve amenazada. Investigar cómo se configuran en la actualidad las relaciones de amistad en sus diferencias y diálogos en redes de aprendizaje refuerza el debate sobre el significado de la relación entre el educador y el estudiante creando lazos de amistad y afecto, lo que contribuye a una

educación más participativa, de incompleta y de colaboración formativa.

Palabras claves: Educación. Amistad. Formación.

Elaine Conte

E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Enviado em: 21/9/2014

Aprovado em: 29/3/2015

Bruno Passos Fialho

E-mail: winforr@gmail.com